



TRADUÇÃO

AS NINFAS¹, DE IVAN TURGUÊNEV

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS DE OLEG ALMEIDA

Oleg Almeida

União Brasileira de Escritores/UBE, Brasil
oleg_almeida@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i2.23824>

Recebido em: 22/03/2018

Aceito em: 04/11/2019

Publicado em dezembro de 2019

Version française :

LES NYMPHES

Je m'étais posté devant une chaîne de belles montagnes disposées en demi-cercle ; une jeune futaie verte la couvrait tout entière.

Diaphane, le ciel méridional bleuissait au-dessus des montagnes, les rayons de soleil folâtrant là-haut, et en bas, à moitié cachés par les herbes, murmuraient de légers ruisseaux.

Et voilà que je me rappelai une légende antique, celle d'un vaisseau grec qui voguait, au premier siècle de l'ère chrétienne, sur la mer Égée.

Il était midi... Il faisait un temps doux. Soudain, une voix retentit dans l'air, sur la tête du timonier.

— Quand ton bateau se sera approché de l'île, dit-elle, tu t'écrieras : « Le Grand Pan est mort ! »

Le timonier en fut étonné... effrayé. Et pourtant, lorsque son bateau passait près de l'île, il s'écria, obéissant :

— Le Grand Pan est mort !

Tout de suite, en réponse à son cri, se firent entendre, sur toute l'étendue de la côte (et cette île-là était déserte), de gros sanglots, des gémissements, des clameurs plaintives :

¹ Тургенев И.С. Собрание сочинений в 6-ти томах. Том 5. Москва: Правда, 1968, стр. 496-498.



— Mort ! Le Grand Pan est mort !

Je me rappelai donc cette légende... et une étrange idée me vint à l'esprit. « Et si je m'écriais de la sorte, moi ? »

Cependant, au milieu de cette allégresse dont je me voyais entouré, je ne pouvais songer à la mort et, de toutes mes forces, je criai :

— Ressuscité ! Le Grand Pan est ressuscité !

Tout de suite (ô miracle !), en réponse à mon exclamation, un fou rire éclata dans tout le vaste demi-cercle des montagnes verdoyantes, un joyeux brouhaha s'éleva là-bas.

Des voix juvéniles résonnaient : « Il est ressuscité ! Pan est ressuscité ! » Et des rires jaillissaient de toutes parts, plus éclatants que ce soleil dans le ciel, plus gais que ces ruisseaux sous les herbes. J'entendais le bruit de pas lestes, je voyais la blancheur marmoréenne des tuniques flottantes, la vive rougeur des corps nus, transparaître au travers de cette forêt verte... C'étaient des nymphes ; c'étaient des nymphes, des dryades, des bacchantes qui descendaient en courant vers la plaine...

Elles parurent, toutes ensemble, sur la lisière du bois. Les cheveux bouclaient autour de leurs têtes divines, leurs bras souples s'agitaient, brandissant des couronnes de lierre et des tambourins, et leur rire fulgurant, leur rire olympien, courait et roulait avec elles...

Une déesse les menait, fougueuse. Elle était plus grande et plus belle que les autres nymphes : un carquois plein de flèches sur l'épaule, un arc à la main, un quartier de lune argenté sur les boucles au vent...

Étais-tu, Diane ?

Tout à coup, la déesse s'arrêta... et, d'emblée, toutes les nymphes s'arrêtèrent net, elles aussi. Leur rire sonore s'éteignit. Je vis une pâleur mortelle envahir le visage de la déesse qui s'était brusquement tue : ses bras pendirent, affaiblis ; ses jambes se roidirent ; ses lèvres s'ouvrirent, crispées par une indicible terreur ; regardant au loin, ses yeux s'écarquillèrent... Qu'avait-elle aperçu ? Son regard, où se dirigeait-il ?

Je me tournai du côté où elle regardait...

Tout au bord du ciel, au ras des champs plats, rutilait, tel un point de feu, une croix d'or qui coiffait le clocher blanc d'une église... C'est cette croix que la déesse avait remarquée.



J’entendis derrière moi un long soupir entrecoupé, semblable à la vibration d’une corde rompue, et quand je me retournai, les nymphes avaient déjà disparu sans laisser de traces... La vaste forêt verdoyait comme avant, et ce n’est que de place en place que s’apercevait encore, à travers son épais branchage, quelque chose de blanc qui s’évanouissait peu à peu. Étaient-ce les tuniques des nymphes, était-ce une vapeur qui montait du fond des vallées ? Je ne le savais pas.

Mais que de regret j’avais de ces déesses disparues !

Versão portuguesa:

AS NINFAS

Ali estava eu, defronte a uma cadeia de belas montanhas que se estendiam em semicírculo; uma jovem floresta verde revestia-as de cima a baixo.

Transparente, o céu meridional azulava acima delas; os raios de sol fulguravam, lá nas alturas, e vários riachos velozes, meio cobertos pela relva, murmuravam embaixo.

E veio-me à memória uma lenda antiga, a de um navio grego que, no primeiro século ao nascer de Cristo, singrava o mar Egeu.

Era meio-dia... O tempo estava calmo. E de repente, no alto, sobre a cabeça do timoneiro, alguém disse nitidamente:

— Quando estiveres passando rente à ilha, apela em voz alta: “Morreu o Grande Pã!”

O timoneiro ficou atônito... assustado. Mas, quando seu navio foi margeando a ilha, obedeceu, apelou:

— Morreu o Grande Pã!

E logo, em resposta ao seu apelo, ouviram-se, por toda a extensão da costa (e aquela ilha estava deserta), estridentes soluços, gemidos e longas exclamações queixosas:

— Morreu! O Grande Pã morreu!

Foi essa lenda que me veio à memória... e tive uma ideia estranha. “E se eu mesmo gritar assim?”

Contudo, a contemplar aquele júbilo que me circundava, não pude pensar em morte e, com toda a minha força, gritei:

— Ressuscitou! Ressuscitou o Grande Pã!



E logo — ó milagre! —, em resposta à minha exclamação, foi rolando, por todo o largo semicírculo de montanhas verdes, um riso impetuoso, o lépido rumorejo de vozes e águas repercutiu nele.

“Ressuscitou! Pã ressuscitou!” — soavam as vozes juvenis. De chofre, ficou tudo rindo em minha frente, mais vivo do que o sol nas alturas, mais jovial do que os riachos a murmurarem debaixo da relva. Ouviu-se um tropel apressado de passos ligeiros, entreviram-se, em meio à mata verde, a alvura marmórea das túnicas flutuantes, o vivo rubor dos corpos desnudos... Eram as ninfas; eram as ninfas, dríades e bacantes que desciam correndo para a campina...

Surgiram, todas juntas, em toda a ourela da mata. Os cachos se encaracolam sobre as suas cabeças divinas, seus braços esguios levantam coroas de hera e pandeiros, e seu rútilo gargalhar olímpico avança rolando com elas...

Eis uma deusa que corre à frente das ninfas. É mais alta e mais bela do que elas todas: uma aljava no ombro, um arco nas mãos, uma meia-lua prateada sobre os cachos soerguidos...

Serás tu, Diana?

De súbito, a deusa parou... e, logo em seguida, pararam todas as ninfas. Entorpeceu-se seu riso sonoro. Vi uma palidez cadavérica invadir o semblante da deusa que se calara de supetão; vi seus braços penderem, débeis, e suas pernas se retesarem; vi um inexprimível pavor escancarar-lhe os lábios, dilatar-lhe os olhos que viam algo ao longe... O que ela teria avistado? Para onde estaria olhando?

Voltei-me também para onde ela olhava...

À beira do céu, além da linha dos campos rasos, ardia, como um ponto em chamas, uma cruz de ouro que encimava o campanário branco de uma igreja... Fora aquela cruz que a deusa avistara.

Ouvi, atrás de mim, um longo suspiro entrecortado, semelhante ao trepidar de uma corda rota, e, quando me virei outra vez, já não havia nem rastro das ninfas... A vasta floresta verdejava como dantes, e só em alguns lugares transpareciam, através da espessa rede de galhos, e derretiam-se os retalhos de algo branco. Se eram as túnicas das ninfas, se um vapor fumegava no fundo dos vales, não sei, não.

Mas quanta pena é que sentia das deusas desaparecidas!

A LIBERDADE TRADUTÓRIA E SEUS LIMITES (projeto de tradução)

Este trabalho se inspira no livro *Tradução, ato desmedido*, de Boris Schnaiderman (SCHNAIDERMAN, 2011), dedicado, a par de outros aspectos relevantes da tradução literária, àquela liberdade criativa que lhe é intrínseca. De fato, a tradução literária não se restringe a um conjunto rígido de leis e regras predeterminadas: qualquer texto pode ser transposto, de qualquer língua-fonte para qualquer língua-alvo, de várias maneiras distintas, sem que nenhuma das versões resultantes desvalorize ou ponha em dúvida as qualidades estéticas de todas as demais. *As ninfas*, poema em prosa de Ivan Turguênev² (1818-1883), foi traduzido, tanto para o português como para o francês, no intuito de exemplificar e confirmar essa tese.

Escrita em dezembro de 1878 e publicada, na revista «Вестник Европы»³, em dezembro de 1882, a obra em questão refere-se ao tema do insolúvel conflito entre a religião cristã e as tradições do paganismo greco-romano, bastante comum nas letras europeias desde *Die Braut von Korinth*⁴ de Goethe, e representa, de forma vaga, mas convincente, um dos tardios conceitos filosóficos de seu autor. Ambas as versões reproduzem exatamente o mesmo conteúdo, uma espécie de fábula cujo cenário remonta à Antiguidade clássica⁵, sem imitar, todavia, uma à outra: a versão francesa, adaptada às normas linguísticas do século XIX, contraria um pouco a literalidade semântica do original russo para ser fiel ao espírito dele, e a portuguesa, mais moderna e, talvez, menos pictórica, tende a ser sua cópia tecnicamente precisa⁶. Supõe-se, ao compará-las entre si, que o tradutor esteja muito livre em suas escolhas profissionais, mas então se pergunta quais são as bases e, máxime, os limites da liberdade que vem fruindo.

A meu ver, o tradutor literário está livre na medida em que compreende e sabe interpretar (mesmo que o faça sem se importar com o futuro leitor, mas, antes de tudo, em seu próprio benefício) os originais traduzidos. Neste caso específico, sua liberdade

² As grafias “Turgueniev, Turguêniev”, usuais na prática editorial brasileira, são foneticamente incorretas.

³ O mensageiro europeu (em russo): revista mensal, de cunho literário e político, editada em São Petersburgo de 1866 a 1918 e muito popular no meio dos liberais russos.

⁴ A noiva de Corinto (em alemão): poema gótico de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), cuja versão russa, assinada por Alexei Tolstói (1817-1875) e publicada em 1868, é uma das obras-primas universais e mais impressionantes da tradução poética.

⁵ A lenda do timoneiro que proferiu a frase “Morreu o Grande Pã” é relatada pelo historiador e filósofo grego Plutarco (séc. I-II d.C.) em suas *Obras morais (De defectu oraculorum, 17)*.

⁶ Os princípios da tradução “tecnicamente precisa” são resumidos em meu projeto de tradução referente ao conto *Vera*, de Auguste de Villiers de L’Isle-Adam (ALMEIDA, 2018, pp. 133-135).



depende: (a) de sua familiaridade com o contexto histórico-arqueológico do poema, tendo-se em vista os termos relacionados ao culto dionisíaco, tais como *вакханки* (bacantes/*bacchantes*), *венки* (coroas de hera/*couronnes de lierre*)⁷, *тимпаны* (pandeiros/*tambourins*) e similares; e (b) de sua desenvoltura em lidar diretamente com o original russo. É claro que, na pior das hipóteses, poderia efetuar uma tradução indireta, por interposição do francês ou de outro idioma menos hermético do que o russo⁸, mas, assim sendo, ficaria refém da qualidade do texto interposto e, feitas as contas, da qualificação de quem o tivesse produzido. Algumas frases aleatórias, inclusas na tabela a seguir, evidenciam a diferença entre as traduções direta e indireta.

Tabela I: As traduções direta e indireta do poema em prosa *As ninfas*

Número da frase	Original russo	Tradução direta	Tradução indireta
4-7	Час был полуденный... Стояла тихая погода. И вдруг, в высоте, над головою кормчего, кто-то ярственно произнёс: — Когда ты будешь плыть мимо острова, воззови громким голосом: «Умер Великий Пан!»	Era meio-dia... O tempo estava calmo. E de repente, no alto, sobre a cabeça do timoneiro, alguém disse nitidamente: — Quando estiveres passando rente à ilha, apela em voz alta: “Morreu o Grande Pã!”	Era meio-dia... O tempo estava ameno. De súbito, uma voz ressoou no ar, sobre a cabeça do timoneiro. — Quando teu navio se aproximar da ilha, disse ela, tu excluirás: “O Grande Pã está morto!”
25-29	Они разом показались по всем опушкам. Локоны вьются по божественным головам, стройные руки поднимают венки и тимпаны — и смех, сверкающий, олимпийский смех бежит и катится вместе с ними... Впереди несётся богиня. Она выше и прекраснее всех, — колчан за плечами, в руках лук, на поднятых кудрях серебристый серп луны...	Surgiram, todas juntas, em toda a ourela da mata. Os cachos se encaracolam sobre as suas cabeças divinas, seus braços esguios levantam coroas de hera e pandeiros, e seu rútilo gargalhar olímpico avança rolando com elas... Eis uma deusa que corre à frente das ninfas. É mais alta e mais bela do que elas todas: uma aljava no ombro, um arco nas mãos, uma meia-lua prateada	Apareceram, todas juntas, à margem da floresta. Os cabelos se encaracolavam em redor de suas cabeças divinas, seus braços esguios agitavam-se, brandindo coroas de hera e pandeiros, e seu riso fulgurante, seu riso olímpico, corria e rolava com elas... Uma deusa conduzia-as, impetuosa. Era mais alta e mais bela do que as outras ninfas: uma aljava cheia de flechas no ombro, um arco na mão, uma meia-lua argêntea sobre os cachos ao vento... Eras tu, Diana?

⁷ Ainda que se empregue, no original russo, o termo genérico “guirlandas”, esta menção às coroas de hera, usadas pelas bacantes e referidas por inúmeros autores gregos e latinos, aparenta ser justificada.

⁸ Ao longo de todo o século XX, as versões indiretas dos clássicos russos dominavam o mercado livreiro do Brasil, e alguns desses livros (como, por exemplo, *Crime e castigo* e *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski, traduzidos respectivamente por Rosário Fusco e José Geraldo Vieira) continuam sendo reeditados até hoje.



	Диана, это — ты?	sobre os cachos soerguidos... Serás tu, Diana?	
40	Были ли то туники нимф, поднимался ли пар со дна долин — не знаю.	Se eram as túnicas das ninfas, se um vapor fumegava no fundo dos vales, não sei, não.	Eram as túnicas das ninfas, era um vapor que subia do fundo dos vales? Eu não o sabia.

Mesmo sem modificar a história narrada no original russo, a versão indireta se afasta perceptivelmente dele no que concerne ao uso dos tempos verbais (o imperfeito substitui o presente histórico nas frases 26-28, o futuro do indicativo emprega-se em vez do imperativo na frase 7), à construção das orações (a frase 40 transforma-se, na versão indireta, em duas frases seguidas, sendo uma delas interrogativa), etc. A versão direta é mais detalhista, um tanto mais longa (é fácil perceber que a extensão do texto diminui, quando não for traduzido do russo e, sim, do francês), porém se aproxima do original a ponto de se fundir com ele, ou melhor, de se dissolver nele; a versão indireta não é menos fluida nem menos expressiva, mas pode parecer levemente artificial a quem a tiver conhecido, pois não se baseia na estrutura léxico-gramatical e estilística do referido original e, sim, na de uma das plausíveis interpretações dele, cuja exatidão vem atrelada àquela liberdade com a qual o tradutor se propõe a tratá-lo. Em última análise, o veredicto final a respeito dessas duas versões caberá ao leitor e será conforme com suas preferências individuais...

Assim, só me resta anuir à opinião de Boris Schnaiderman: a tradução literária é um ato desmedido, já que seu único fator restritivo é o grau de liberdade profissional de quem se incumbir dela. Contanto que a use de forma sóbria e responsável, esteja sempre consciente das suas limitações naturais e seja capaz de transitar, com plena segurança, entre os idiomas envolvidos no processo de seu trabalho, há de obter bons resultados, se não em unir diversos espaços culturais, pelo menos em interconectá-los.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Oleg. Un conte de fées pour adultes (projet de traduction). In: **“Vera” de Auguste de Villiers de L’Isle-Adam, tradução de Oleg Almeida.** *Caleidoscópio: linguagem e tradução*, volume 2, número 1, Brasília, 2018, pp. 123-146.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido.** São Paulo: Perspectiva, 2011, 216 p.

ТУРГЕНЕВ И.С. Нимфы: **Собрание сочинений в 6-ти томах.** Том 5. Москва: Правда, 1968, стр. 496-498.

НИМФЫ

Я стоял перед цепью красивых гор, раскинутых полукругом; молодой зелёный лес покрывал их сверху донизу.

Прозрачно синело над ними южное небо; солнце с вышины играло лучами; внизу, полузакрытые травой, болтали проворные ручьи.

И вспомнилось мне старинное сказание о том, как, в первый век по рождестве Христове, один греческий корабль плыл по Эгейскому морю.

Час был полуденный... Стояла тихая погода. И вдруг, в высоте, над головою кормчего, кто-то явственно произнёс:

— Когда ты будешь плыть мимо острова, воззови громким голосом: «Умер Великий Пан!»

Кормчий удивился... испугался. Но когда корабль побежал мимо острова, он послушался, он воззвал:

— Умер Великий Пан!

И тотчас же, в ответ на его клик, по всему протяжению берега (а остров был необитаем) раздались громкие рыдания, стоны, протяжные, жалостные возгласы:

— Умер! Умер Великий Пан!

Мне вспомнилось это сказание... и странная мысль посетила меня. «Что, если и я кликну клич?»

Но в виду окружавшего меня ликования я не мог подумать о смерти — и что было во мне силы закричал:

— Воскрес! Воскрес Великий Пан!

И тотчас же — о чудо! — в ответ на моё восклицание по всему широкому полукружью зелёных гор прокатился дружный хохот, поднялся радостный говор и плеск.



«Он воскрес! Пан воскрес!» — шумели молодые голоса. Всё там впереди внезапно засмеялось, ярче солнца в вышине, игривее ручьёв, болтавших под травой. Послышался торопливый топот лёгких шагов, сквозь зелёную чашу замелькала мраморная белизна волнистых туник, живая алость обнажённых тел... То нимфы, нимфы, дриады, вакханки бежали с высот в равнину...

Они разом показались по всем опушкам. Локоны вьются по божественным головам, стройные руки поднимают венки и тимпаны — и смех, сверкающий, олимпийский смех бежит и катится вместе с ними...

Впереди несётся богиня. Она выше и прекраснее всех, — колчан за плечами, в руках лук, на поднятых кудрях серебристый серп луны...

Диана, это — ты?

Но вдруг богиня остановилась... и тотчас, вслед за нею, остановились все нимфы. Звонкий смех замер. Я видел, как лицо внезапно онемевшей богини покрылось смертельной бледностью; я видел, как опустились и повисли её руки, как окаменели ноги, как невыразимый ужас разверз её уста, расширил глаза, устремлённые вдаль... Что она увидала? Куда глядела она?

Я обернулся в ту сторону, куда она глядела...

На самом краю неба, за низкой чертою полей, горел огненной точкой золотой крест на белой колокольне христианской церкви... Этот крест увидала богиня.

Я услышал за собою неровный, длинный вздох, подобный трепетанию лопнувшей струны, — и когда я обернулся снова, уже от нимф не осталось следа... Широкий лес зеленел по-прежнему, — и только местами сквозь частую сеть ветвей виднелись, таяли клочки чего-то белого. Были ли то туники нимф, поднимался ли пар со дна долин — не знаю.

Но как мне было жаль исчезнувших богинь!



Biografia do autor:

Romancista e contista de renome internacional, **Ivan Serguéievitch Turguênev** (1818-1883) nasceu em Oriol⁹ e passou a infância na fazenda materna Spásskoie-Lutovínovo situada na mesma região. Desde criança falava alemão e francês. Estudou nas universidades de Moscou, São Petersburgo e Berlim; durante alguns anos serviu no Ministério dos Negócios Internos. Estreou como literato em 1838. Apaixonado pela cantatriz francesa Pauline Viardot, abandonou o serviço público. A partir de 1845 vivia longas temporadas fora da Rússia (Paris, Baden-Baden), dedicando-se inteiramente à literatura. Seus contos (*Diário de um caçador*, 1852), novelas (*Ássia*, 1858; *O primeiro amor*, 1860; *O Rei Lear das estepes*, 1870; *Águas da primavera*, 1872), romances (*Rúdin*, 1856; *O ninho dos nobres*, 1859; *Às vésperas*, 1860; *Pais e filhos*, 1862; *Fumaça*, 1867; *Terras virgens*, 1877) e, no final da vida, poemas em prosa (*Senilia*, 1882) asseguraram-lhe a posição do escritor russo mais lido e respeitado na Europa, de sorte que o chanceler da Alemanha Chlodwig Hohenlohe¹⁰ chegou a caracterizá-lo como “o homem mais inteligente da Rússia”. Amigo de vários intelectuais e artistas europeus, desempenhou o papel de intermediário no estreitamento das relações culturais entre a Rússia e o Ocidente, o que lhe valeu, entre outras regalias, o título de doutor honorífico da Universidade de Oxford (1879). Faleceu na França e foi sepultado, em meio a uma grande comoção popular, em São Petersburgo.

Poemas em prosa:

O texto acima transcrito e traduzido faz parte de um extenso ciclo de poemas em prosa, intitulado *Senilia*, que Ivan Turguênev escreveu em fins de sua vida. Graças à profundidade filosófica de seu conteúdo, bem como à intensa expressividade de sua forma, ele ombreia com *O esplim de Paris* de Charles Baudelaire, *As iluminações* de Arthur Rimbaud e semelhantes obras-primas da literatura mundial. A tristeza existencial do autor, sua irremediável decepção com os rumos espirituais da humanidade, as dúvidas metafísicas que o afligiam desde a juventude, tornando-se cada vez mais dolorosas à medida que ele envelhecia, manifestam-se nessa obra com uma força arrebatadora.

Biografia do tradutor

Oleg Almeida nasceu na Bielorrússia em 1971 e está radicado no Brasil desde 2005. É poeta, ensaísta e tradutor multilíngue, sócio da União Brasileira de Escritores (UBE/São Paulo). Autor dos livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (2008; Prêmio Internacional Il Convivio de 2013), *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (2011; Prêmio Literário Bunkyo de 2012), *Antologia cosmopolita* (2013), *Desenhos a lápis* (2018) e de numerosas traduções do russo (*Diário do subsolo*, *O jogador*, *Crime e castigo*, *Memórias da Casa dos mortos* e *Humilhados e ofendidos* de Fiódor Dostoiévski; *Pequenas tragédias* de Alexandr Púchkin; *Canções alexandrinas* de Mikhail Kuzmin; *A morte de Ivan Ilitch e outras histórias* de Leon Tolstói; *Contos russos*, vv. I-III) e do francês (*O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa* de Charles Baudelaire; *Os cantos de Bilitis* de Pierre Louÿs).

⁹ Antiga cidade, cujo nome significa “águia” em russo, localizada a sudoeste de Moscou.

¹⁰ Chlodwig Carl Viktor, Fürst zu Hohenlohe-Schillingsfürst (1819-1901): político e diplomata alemão, primeiro-ministro do Império Germânico de 1894 a 1900.